

## O Desejo Metafísico em Emmanuel Levinas

---

André Diogo SILVA<sup>1</sup>

### Resumo

Falar d'*O Desejo metafísico em Emmanuel Levinas* é tentar compreender a noção de desejo além do que se entende rotineiramente por este termo, entendimento que pode ser encontrado nos dicionários. Objetiva-se compreender a noção de Desejo metafísico a partir da obra do filósofo Emmanuel Levinas utilizando como suporte (principalmente) as noções de metafísica, infinito e Outro. Para tal objetivo, o método foi formado por pesquisa bibliográfica sobre o tema, realizando-se uma hermenêutica sobre alguns trechos de *Totalidade e Infinito*, uma das principais obras do referido autor, bem como buscar em dicionário filosófico e em uma obra filosófica (no caso, *O Banquete*, de Platão), sentidos para a ideia de desejo. Partindo-se, pois, do desejo comum, busca-se compreender o Desejo metafísico em Levinas esclarecendo-se, primeiramente, o que significa o adjetivo "metafísico" – o que implicará na investigação da compreensão levinasiana de metafísica – para, após este esclarecimento, refletir sobre a relação ética com base no Desejo metafísico.

**Palavras-chave:** Desejo, Metafísica, Levinas, Outro.

### The Metaphysical Desire in Emmanuel Levinas

#### Abstract

Talking about *The metaphysical Desire in Emmanuel Levinas* is trying to understand the sense of desire beyond what is meant by this term routinely, understanding that can be found in dictionaries. The objective is to understand the notion of metaphysical wish from the philosopher Emmanuel Levinas's work using as support (mostly) the metaphysical notions of infinity and Other. For this purpose, the method consisted in a bibliographic research about the subject, performing an hermeneutic on some stretches of *Totality and Infinity*, one of the main works of that author and in seeking a philosophical dictionary and a philosophical work (in this case, *The Symposium*, of Plato) way, to wish your mind. Therefore beginning from the common desire, we seek to understand the metaphysical Desire in Levinas clarifying whether, first, the meaning of the "metaphysical" adjective - which will involve the investigation of levinasian understanding of metaphysics - for, after this clarification, reflect on the ethical relationship based on metaphysical Desire.

**Key Words:** Desire, Metaphysics, Levinas, Other.

---

<sup>1</sup> Graduado em Filosofia pela UFMA. E-mail: andrediogomusico@hotmail.com.

## Introdução

O vocábulo “desejo”, em um dicionário comum da língua portuguesa, tem os seguintes significados:

desejo (ê). [do lat. vulg. *desidiu.*] S. m. 1. Ato ou efeito de desejar. 2. Vontade de possuir ou de gozar. 3. Anseio, aspiração. 4. Cobiça, ambição. 5. Vontade de comer ou beber; apetite. 6. Apetite sexual: “Adeus, corpo gentil, pátria do meu desejo!” (Olavo Bilac, *Poesias*, p. 182). 7. Pop. Na gravidez, vontade exacerbada de comer e/ou beber determinada (s) coisa(s). (FERREIRA, 2004, p. 640)

Tem-se desejo quando se anseia, ambiciona-se ou tem-se vontade de possuir algo. Já consultando este vocábulo em um dicionário filosófico, pode-se observar outros significados para o termo aqui investigado:

Desejo (do lat. *desiderare*: aspirar a, desejar): 1. De modo geral, podemos definir o desejo como uma tendência espontânea, consciente, orientada para um objetivo concebido ou imaginado. 2. No sentido filosófico, o desejo, como a linguagem, é uma tendência especificamente humana, distinta da simples necessidade. Assim, o Eros platônico enfatiza o objeto “sobrenatural” do desejo, o amor dos belos corpos levando a alma a elevar-se ao amor do bem inteligível. Em Descartes, “a paixão do desejo é uma agitação da alma causada pelos espíritos animais que a dispõem a querer para o futuro aquilo que ela se apresenta ser conveniente. Assim, não desejamos somente a presença do bem ausente, mas também a conservação do presente”. Segundo Hegel, a verdadeira finalidade do desejo não é o objeto sensível, mas a unidade da subjetividade consigo mesma, unidade procurada através do reconhecimento de um outro desejo. 3. Conceitos: “Não é pela satisfação dos desejos que se obtém a liberdade, mas pela destruição do desejo” (Epiteto). “O desejo é a essência mesma do homem, isto é, o esforço pelo qual o homem se esforça para perseverar em seu ser” (Spinoza). “O desejo é a autodeterminação do poder de um sujeito pela representação de um fato futuro” (Kant). (JAPIASSU; MARCONDES, 2001)

Através dos seus significados no dicionário filosófico, a palavra desejo pode remeter-se, como já falado no dicionário comum, a uma vontade de possuir algo, mas esta vontade é, agora, consciente e, devido a consciência e razão serem características consideradas, em geral, bem desenvolvidas no ser humano, afirma-se que o desejo, em seu sentido racional, é algo específico do ser humano. Para Levinas, um pensador da ética, especificamente em sua obra *Totalidade e Infinito*, a noção de desejo é tomada em um sentido diferente dos apresentados até agora.

Levinas, ao falar de um desejo, diferencia este em seu âmbito comum (cujo significado está no dicionário comum – e até mesmo no dicionário filosófico) do seu âmbito metafísico. A metafísica é o diferencial do desejo em Levinas, que se utilizará daquele segundo âmbito e de seu diferencial para propor uma possibilidade da relação ética. Antes, porém, faz-se necessário esclarecer o que significa o adjetivo “metafísico” – o que implicará na investigação da compreensão levinasiana de metafísica – para, após este esclarecimento, refletir sobre a relação ética com base no Desejo metafísico.

### Desejo e Metafísica

A metafísica, constituída por “meta” mais “física”, é, etimologicamente, o além da física. A física seria o mundo e/ou a realidade concreta e sensível. O termo “meta” é desenvolvido por Levinas enquanto transcendência para caracterizar a metafísica; ou seja, “além”, uma das traduções possíveis para “meta”, será substituída por transcendência. Já transcendência, etimologicamente em Levinas<sup>2</sup>, é “trans-ascendência”, atentando-se que o prefixo “trans” significa “através de” ou “além de”. Se a metafísica em Levinas fosse apenas uma ascendência, poder-se-ia dizer que a metafísica é uma negação do mundo real: nega-se a realidade concreta e ascende-se, eleva-se a uma outra. Entretanto, Levinas utilizou “trans-ascendência” para oferecer a noção que se está indo além da própria ascendência ao se falar de metafísica como transcendência e, fazendo-se isto, a metafísica não se torna uma negação da física. Por isto, Levinas afirma: “O movimento metafísico é transcendente e a transcendência, como desejo e inadequação, é necessariamente uma trans-ascendência” (LEVINAS, 2014, p. 21-22).

O movimento metafísico é o movimento ético. Assim, antes de explicar o movimento metafísico, necessita-se entender o movimento ético e a ética em seu sentido levinasiano. Em geral, a ética encontra-se nas relações entre as pessoas e nas formas como essas relações podem (ou devem) acontecer. No pensamento levinasiano, a relação ética ocorre entre um Mesmo e um Outro. O Mesmo seria, a princípio, um desdobramento do eu. O eu, isoladamente, seria, simplesmente, o eu, mas, pelo o fato de o eu estar no

---

<sup>2</sup> Tal como se observará na citação do final deste parágrafo. Vale lembrar uma outra possível etimologia para transcendência, em que esta palavra vem do vocábulo *transcendetia*, “escalada (de muro)”. Para esta possível etimologia, cf. FERREIRA, 2004, p. 1975, no vocábulo “transcendência”.

mundo, ele se torna o Mesmo. O estar no mundo consiste no processo de formação de identidade do eu. Assim, o eu torna-se o Mesmo ao se identificar dentro do mundo (Ibid., p. 24):

Ora a verdadeira e original relação entre eles, e onde o eu se revela precisamente como o Mesmo por excelência, produz-se como permanência no mundo. A maneira do Eu contra o “outro” do mundo consiste em permanecer, em identificar-se existindo aí em sua casa. (LEVINAS, 2014, p. 24)

O Outro, o outro termo da relação ética, não é, simplesmente, negação do Mesmo, mas o que está além deste, que lhe transcende. É como se o Mesmo fosse a física, e o Outro, a metafísica (observando metafísica como não apenas negação da física). O movimento metafísico enquanto movimento ético é o movimento do Mesmo para o Outro. Portanto, o movimento metafísico é o movimento ético, tal como se falou anteriormente, pois a relação ética é a relação entre o Mesmo e o Outro onde este está além daquele, tal como a metafísica em relação a física.

Um movimento, por assim dizer, que predominou na filosofia ocidental para fundamentar uma ética não foi o movimento metafísico e, conseqüentemente, a metafísica. Levinas afirma: “A filosofia ocidental foi, na maioria das vezes, uma ontologia: uma redução do Outro ao Mesmo, pela intervenção de um termo médio e neutro que assegura a inteligência do ser” (Ibid., p. 30). O termo médio é o conceito, tal como é desenvolvido na seguinte passagem:

Esta maneira de privar o ser conhecido da sua alteridade só pode ser levada a cabo se ele for visado através de um terceiro termo – termo neutro – que em si mesmo não é um ser. Nele viria amortecer-se o choque do encontro entre o Mesmo e o Outro. Este terceiro termo pode aparecer como conceito pensado. (LEVINAS, 2014, p. 29)

Enquanto a ontologia transforma o movimento ético em uma relação de pensamento e não direta (pois há um terceiro termo, o conceito, entre o Mesmo e o Outro), a metafísica em Levinas dá suporte a uma ética que realize o movimento metafísico do Mesmo para o Outro, admitindo esse Outro não como a negação do Mesmo, mas como o que está além, que transcende, que está fora do Mesmo.

Assim, na metafísica – em que, em *Totalidade e Infinito* (LEVINAS, 2014), fundamenta-se uma concepção ética (relação entre o Mesmo e o Outro) e se faz frente ao pensamento ontológico –, aspira-se ao que é absolutamente Outro, à exterioridade radical, ao que transcende o Mesmo.

Este aspirar ao Outro é o Desejo, não o do tipo comum, mas o Desejo metafísico, que ocorre quando o Mesmo, na relação ética, aspira ao Outro de forma metafísica, enquanto que no tipo comum aspira-se a alguém ou a algo com a intenção, simplesmente, de se satisfazer com a sua posse. O desejo comum está, por exemplo, em uma relação amorosa, onde um deseja o outro amado. Este tipo pode ser observado e caracterizado através da seguinte passagem de *O Banquete* (PLATÃO, 1991):

- Tenta então, continuou Sócrates, também a respeito do Amor dizer-me: o Amor é amor de nada ou de algo?
- De algo, sim.
- Isso então, continuou ele, guarda contigo, lembrando-te de que é que ele é amor; agora dize-me apenas o seguinte: Será que o Amor, aquilo de que é amor, ele o deseja ou não?
- Perfeitamente – respondeu o outro.
- E é quando tem isso mesmo que deseja e ama que ele então deseja e ama, ou quando não tem?
- Quando não tem, como é bem provável – disse Agatão.
- Observa bem, continuou Sócrates, se em vez de uma probabilidade não é uma necessidade que seja assim, o que deseja deseja aquilo de que é carente, sem o que não deseja, se não for carente. É espantoso como me parece, Agatão, ser uma necessidade; e a ti?
- Também a mim – disse ele.
- Tens razão. Pois porventura desejaria quem já é grande ser grande, ou quem é forte ser forte?
- Impossível, pelo o que foi admitido.
- Com efeito, não seria carente disso o que justamente é isso.
- É verdade o que dizes. (PLATÃO, 1991, 200a-b)

Colocando como equivalentes amar e desejar, nesta passagem infere-se que quem deseja ou ama algo o faz por não ter aquilo que deseja. No desejo comum, tal como nesta passagem de *O Banquete*, a necessidade – ou, neste caso, a carência – é o elemento principal: há aí um ser que deseja aquilo que não tem; um ser incompleto, por assim dizer.

Contudo, em *O Banquete*, antes do discurso de Sócrates, é descrito o discurso de Aristófanes, o comediógrafo. Este discurso pode caracterizar ainda mais a ideia de

que no pensamento platônico se deseja aquilo que não se tem, se se continuar a relacionar as noções de desejo e amor. No discurso de Aristófanes, a elogio ao Amor será feito explicando a sua origem através do mito do andrógino. No início, conforme Aristófanes, nossa natureza era constituída de três gêneros: masculino, feminino e andrógino. O último gênero era de uma força e de um vigor terríveis. Assim é descrito o andrógino por Aristófanes:

[...] andrógino era então um gênero distinto, tanto na forma como no nome [...]. Depois, inteiriça era a forma de cada homem, com o dorso redondo, os flancos em círculo, quatro mãos ele tinha, e as pernas o mesmo tanto das mãos, dois rostos sobre um pescoço torneado, semelhantes em tudo; mas a cabeça sobre os dois rostos opostos um ao outro era uma só, e quatro orelhas, dois sexos, e tudo o mais como desses exemplos se poderia supor. (PLATÃO, 1991, 189e-190a)

Os andróginos, por presunção devido a sua grande força, voltaram-se contra os deuses. Estes, para os tornarem mais fracos, decidem cortá-los ao meio. Desde que isto acontecera, cada parte ansiava e buscava a sua própria metade. Nisso consiste, para Aristófanes, o amor: o desejo e procura do todo, retornando cada um a sua primitiva natureza.

Para Diotima da Mantineia, que tem seu discurso reproduzido por Sócrates em *O Banquete*, o Amor não nasceu da procura do todo, tal como no discurso de Aristófanes. Diotima afirma que Eros (ou Amor) tem como pai Recurso (que é filho de Prudência) e como mãe Pobreza<sup>3</sup>; além disto, a sua geração deu-se no natalício de Afrodite. Por ser filho de Pobreza, o Amor é pobre, não é delicado nem belo, é duro, seco, descalço e sem lar. E por ser filho de Recurso, o Amor é insidioso com o que é belo e bom, e corajoso, decidido e enérgico, ávido de sabedoria, sempre a filosofar.

Assim, seja por ser filho de Pobreza (tal qual se vê no discurso de Diotima) ou por ser a busca da outra metade (como caracterizado no discurso de Aristófanes), o desejo ou o amor é, em *O Banquete*, necessidade, já que sempre envolve algo de que se

---

<sup>3</sup> Conta Diotima: “Quando nasceu Afrodite, banquetevam-se os deuses, e entre os demais se encontrava também o filho de Prudência, Recurso. Depois que acabaram de jantar, veio para esmolar o festim a Pobreza, e ficou pela porta. Ora, Recurso, embriagado com o néctar – pois vinho não havia – penetrou o jardim de Zeus e, pesado, adormeceu. Pobreza então, tramando em sua falta de recurso engendrar um filho de Recurso, deita-se ao seu lado e pronto concebe o Amor” (PLATÃO, 1991, 203b-c).

necessita: primeiramente, Pobreza queria conceber um filho e assim possuir fartura tal como Recurso; a seguir, busca-se a metade que foi perdida; e, anteriormente, na discussão de Sócrates e Agatão, observou-se que se deseja aquilo que não se tem. Assim, o desejo em Platão é necessidade e busca pela posse daquilo que se tem falta. E, em se tendo aquilo que se falta, é como se o desejo platônico fosse saciado. O desejo enquanto necessidade é saciável, tal como a fome em seu sentido fisiológico. Levinas, aponta para um novo tipo de desejo, que não é simplesmente necessidade (ou falta) ou que não é saciável tal como a fome.

Este novo tipo é o Desejo metafísico (ou insaciável), que não tende simplesmente para aquilo que não possuo e que sinto a necessidade de ter. Com efeito, ele está voltado para o que é absolutamente Outro, inteiramente diverso. A metafísica, alicerce deste tipo de desejo, parte daquilo que nos é comum para aquilo que é, também, inteiramente diverso, ou seja, para um além. O Desejo metafísico é o desejo para o Outro, no sentido de algo fora-de-si que é estrangeiro (LEVINAS, 2014, p. 19-20).

### Desejo e Outro

No Desejo metafísico, deseja-se o Outro, em seu sentido eminente, elevado e nobre – um além daquilo que apenas iria completar, aquilo que ele não possui. Por desejar o além, o Outro, o Desejo metafísico nunca será satisfeito (Ibidem, p. 20).

No desejo, há o desejado e o desejante. No desejo comum do amor, tal qual se vê em *O Banquete* (PLATÃO, 1991), o desejado é o amado, aquele que recebe o sentimento amoroso, enquanto que o desejante é o amante, aquele de onde parte o sentimento<sup>4</sup>. Já no âmbito metafísico, em que o Desejado é o Outro e o desejante é o Mesmo, o Desejado alimenta o próprio Desejo. A distância entre Desejado e desejante, ou seja, entre o Outro e o Mesmo, não desaparece, o que significa que estes estão separados. A positividade do Desejo metafísico está nessa não aproximação; na metafísica, o Desejo

---

<sup>4</sup> O amante e o amado podem ser exemplificados em *O Banquete* pela relação entre Sócrates e Alcibiades. Sócrates, enquanto mais velho, amaria a beleza da juventude de Alcibiades, enquanto este teria em troca a sabedoria daquele. Sócrates, entretanto, acaba invertendo esta relação, fazendo com que Alcibiades seja aquele que o deseja. Confira o relato de Alcibiades em *O Banquete* na passagem 218c-222b.

alimenta-se de sua própria fome<sup>5</sup>. O Desejado é o Outro, que é invisível perante o ser finito que deseja. O desejo metafísico tende para aquilo (Outro) que está além das suas satisfações (Ibidem, p. 20-21).

O Outro, enquanto Desejado no desejo metafísico, não é um simples inverso do Mesmo, tal qual a oposição eu e outro ou eu e não eu. O Outro, metafisicamente falando, transcende absolutamente o Mesmo e, por isto, nem sequer se pode afirmar que ele é o inverso deste, pois, assim, se estaria colocando o Outro em função do Mesmo e isto, na ética metafísica levinasiana, não ocorre: se, por exemplo, Outro e Mesmo fossem países, o Outro não faria fronteira com o Mesmo, mas estaria muito além, em um outro continente, seria transcendente. Se fizesse fronteira com o Mesmo, o Outro ainda estaria dentro do sistema do Mesmo (Ibid., p. 25).

Na relação metafísica, relação entre o Mesmo e o Outro, o Mesmo deixa de estar na sua condição de ente único e particular e parte para o Desejado, para o Outro (Ibid., p. 26). Na relação ética, através do desejo metafísico, em termos levinasianos, o Mesmo sai de si, no sentido de uma saída da sua ipseidade de eu onde ele ficava recolhido.

Entretanto, o Mesmo não sai de si para encontrar algo fora de si que o complete ou que ele tem carência, tal como no desejo comum. Se o que ele procura lhe completasse, esse algo estaria dentro do sistema dele – do Mesmo. A relação metafísica, como foi dito, não cai em uma totalidade, onde o Mesmo e o Outro se somariam e se tornariam um só. O Mesmo está infinitamente separado do Outro. Por isto, Levinas também relaciona à noção de Outro a ideia de Infinito. O Outro por ser Infinito, não forma um sistema com o Mesmo: este não absorve, totaliza ou compreende o Outro, devido à transcendência deste (Ibid., p. 69-70). O Outro está, inclusive, fora dos parâmetros do Mesmo.

---

<sup>5</sup> Observa-se uma grande diferença entre o desejo comum e o Desejo metafísico neste ponto: enquanto no desejo comum, tal como foi falado anteriormente, o principal elemento é a necessidade, exemplificando-se isto através da fome em seu sentido fisiológico, no sentido metafísico, o Desejo alimenta-se de sua própria fome, ou seja, ele é insaciável (não tem a necessidade como fundamento).

Assim, no âmbito metafísico do termo aqui investigado, o Mesmo nunca se saciará daquilo que deseja, ele nunca consumará o seu desejo. Em termos de conhecimento, a relação do Mesmo com o Outro é uma relação metafísica pois o Mesmo nunca vai conhecer totalmente o Outro, pois “a relação metafísica não liga um sujeito a um objeto” (Ibid., p. 99). Em termos éticos, o Mesmo e o Outro não estariam em uma situação onde um tentasse absorver e totalizar o outro, tal como em uma guerra, mas sim numa relação onde o Mesmo se comunica com o Outro, deixando este ser o que é, ou seja, um “deixar ser”, tal como diz Levinas: “A aspiração à exterioridade radical, chamada por tal motivo metafísica, o respeito dessa exterioridade metafísica que é preciso, acima de tudo, “deixar ser” – constitui a verdade” (Ibid., p. 15).

### Considerações Finais

Os significados dados por um dicionário comum ou um dicionário filosófico para a palavra desejo não conseguem abarcar o sentido metafísico dado por Levinas a este vocábulo. Contudo, o sentido metafísico não penetra apenas no âmbito do conhecimento, onde normalmente se encontraria a metafísica. Levinas faz da metafísica uma ética e, assim, a ideia de desejo metafísico possuirá implicações nas relações éticas que, em termos levinasianos, é a relação entre o Mesmo e o Outro. Em outros termos: a relação ética, em Levinas, é uma relação metafísica, por aspirar a um Outro totalmente transcendente.

Metafísica em Levinas não é pura negatividade: negatividade do físico ou do concreto contida no sentido etimológico de *metaphysis*. A metafísica é uma transcendência, ocorrendo na relação ética no movimento do Mesmo para o Outro. Na relação ética e metafísica, o Outro não é totalizado e absorvido pelo Mesmo: isto ocorre quando se está em uma ontologia, onde o Outro é transformado em um termo neutro, tal como um conceito, para ser conhecido pelo Mesmo e, assim, totalizado. Na metafísica, o Outro é aspirado pelo Mesmo sem que se totalize o primeiro. E este aspirar a Outrem, em sua exterioridade absoluta, é o desejo metafísico. O Outro, o Desejado pelo Mesmo, não é apenas a carência do Mesmo (tal como no desejo comum, onde a necessidade e carência são as principais características). O Outro, no desejo metafísico, transcende o Mesmo absolutamente.

A relação ética e metafísica proposta por Levinas tem o Outro como desejado metafisicamente pelo Mesmo, o que também quer dizer que o desejo metafísico nunca será satisfeito, pois o Outro é absolutamente transcendente. O Outro está além das satisfações do Mesmo. Ao desejar metafisicamente o Outro, o Mesmo não irá totalizá-lo ou absorvê-lo através de um pensamento ou de um conceito. Se assim o fosse, não haveria mais relação: o Outro seria transformado no Mesmo. Entretanto, no Desejo metafísico, Mesmo e Outro estão separados durante a relação ética e metafísica.

A proposta de um Desejo metafísico para caracterizar uma possibilidade de relação ética em Levinas traduz-se no relacionamento entre seres que respeitam outrem simplesmente com a intuição de que não podem tornar o diferente uma extensão do próprio pensamento: deixa-se de tentar adequar o outro a um modo de vida vivido por aquele que está em relação com ele. Este deixar ser é consequência de uma possibilidade ética proposta por Levinas onde o respeito à alteridade é característica fundamental.

## Referências

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 3ª ed. Curitiba: Positivo, 2004.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

LEVINAS, Emmanuel. **Totalidade e Infinito**. 3ª ed. Tradução de José Pinto Ribeiro. Lisboa: EDIÇÕES 70, 2014.

PLATÃO. O Banquete. In: \_\_\_\_\_. **Diálogos**. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. Tradução e notas de José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa. 5. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (Coleção Os pensadores)